

A FORMAÇÃO DO TRADUTOR¹

Maria Candida Bordenave — O Curso de Tradução e Interpretação da PUC do Rio foi criado em 1968, com a Reforma Universitária, e suas disciplinas específicas começaram a ser ministradas em 1971. Nessa época, me foi feita a seguinte pergunta: Tradução se ensina? Eu acho que sim. Pelo menos, é o que venho fazendo desde aquela época.

A Tradução é uma atividade milenar e, como sabemos, houve na Antiguidade escolas famosas de Tradução, mas no Brasil só recentemente o seu ensino passou a fazer parte da área acadêmica. Aliás, em todo o mundo ocidental, hoje, podem-se contar com os dedos as Escolas de Tradução. Como já disse, foi em 1968, com a reforma universitária, que se possibilitou a ampliação dos cursos de Letras com a abertura das áreas de Interpretação e Tradução.

É voz corrente que a Tradução é uma atividade que implica maturidade, quando os processos linguísticos já se fixaram, quando as possibilidades expressivas já foram apreendidas. Realmente é o que se passa: a atividade tradutória requer maturidade e domínio linguístico. O que fazemos na escola de Tradução é como tentar fazer amadurecer à força o aspirante a tradutor; é como o amadurecimento forçado de um fruto verde, que se põe na estufa ou se envolve em papel. Isto é feito expondo o aluno a uma carga razoável, às vezes impiedosa, de trabalho.

Como é estruturado um Curso de Tradução? Vou fazer algumas colocações, certamente já conhecidas por muitos aqui presentes, que esclarecem e explicitam os componentes da estrutura de um Curso de Tradução.

O ato linguístico não nasce do nada, não tem geração espontânea. Poderíamos representá-lo como o núcleo de uma série de círculos concêntricos que se referem ao processo psicolinguístico — relação do psiquismo o falante com a sua linguagem — e ao processo sociolinguístico — relação da linguagem com a sociedade —, os quais, por sua vez, estão inseridos em um contexto mais amplo em que entram a história de um grupo social, seus elementos sociais, econômicos, ideológicos, étnicos e outros mais. Tudo isso está presente no ato linguístico, que não existe de forma isolada. Analisar a

¹ N.E.: Trabalho apresentado em mesa-redonda realizada por ocasião do II Encontro Nacional de Tradutores, de 29 a 31 de maio de 1985, na PUC-Rio. Demais participantes da mesa: Eda Heloisa Pilla (UFRGS), Liselotte Heuser (PUC-RS), Martha Steinberg (USP), Nair Fobé (PUC-Camp), Regina Alfarano (USP).

linguagem como algo independente do universo social em que ela se insere não faz muito sentido, principalmente para o ato da tradução. Neste, estão envolvidos dois sistemas, como os acima descritos, correspondentes aos dois idiomas, cada um determinado por processos outros — psico, sócio e os chamados extralinguísticos — que por sua vez são influenciados pelas estruturas linguísticas. Entre os dois sistemas, como ligação, intermediário ponte, acha-se o tradutor.

Qual é, então, a tarefa do tradutor? É a enorme tarefa de representar, de transpor de um sistema para outro, numa só atividade, esse universo de significação, essa carga de conteúdo múltiplo, e não apenas linguístico. Chamo a atenção para este aspecto, por que, para mim, a tradução há muito tempo deixou de ser vista apenas como exercício de linguagem; a menos que se tenha presente que linguagem representa ou reflete tudo isso. Refiro-me aqui principalmente à tradução de textos literários ou semiliterários, onde é mais evidente esse processo de transposição linguístico-cultural, embora não deixe de estar presente de forma menos marcante em outros tipos de texto.

Então, coloco aqui a pergunta que é o objetivo da minha fala: Quais são os pilares sobre os quais se estruturaria um Curso de Tradução? Devido à novidade da área, esta é uma tarefa desafiadora, sempre provocativa, apresentando sempre novos caminhos e necessidades.

Dois desses pilares são as duas línguas com que trabalha o tradutor, no nosso caso, o inglês e o português.

O curso da PUC-Rio procura formar tradutores bilíngues, e somos muito cautelosos no que diz respeito à formação de um tradutor trilingue, principalmente no nível de graduação. Achamos um tanto temeroso, no nível da graduação, pretender formar um tradutor trilingue no Brasil, onde o aluno em geral só trava contatos superficiais e esporádicos em uma língua estrangeira. É diferente da situação na Europa, principalmente na Europa Central, onde uma criança nasce ouvindo três ou quatro línguas; nesse caso, ela já entra na universidade familiarizada com o léxico de outra(s) língua(s) e com um conhecimento, ainda que passivo, de suas estruturas linguísticas, cabendo à escola de tradução fazer aflorar aquele conhecimento, torná-lo consciente e aperfeiçoado.

O ensino da língua estrangeira, no caso o inglês, é feito através de doses maciças de aprendizado da língua, de estudos linguísticos específicos de morfologia, sintaxe e semântica, entre outros; os cursos de literatura da língua inglesa reforçam esse

aprendizado na medida em que o aluno tem uma carga de leitura considerável, participa de discussões e produz trabalhos acerca do que leu. Não é nada fácil prover aos alunos o domínio necessário de uma língua cujo conhecimento se restringe às escolas ou aos cursinhos e raramente se origina de uma estada mais prolongada nos EEUU ou na Inglaterra. Também não é fácil ensiná-los a usar o dicionário, maior amigo do tradutor, mas um amigo passivo, que cumpre a função para a qual foi programado, e que necessita da inteligência e capacidade do tradutor para discriminar, julgar e escolher a solução mais adequada para um termo em determinado contexto. Então, o domínio da língua inglesa, o domínio da língua de partida, é muito importante. As estruturas do inglês, cuja riqueza e variedade, determinadas pelas influências de sua formação, sua polissemia, como ressaltou Antonio Houaiss no primeiro dia, representam um obstáculo a ser vencido pelo estudante de tradução.

O segundo pilar do curso é o domínio do português. Neste particular, quero reforçar aquilo que já foi dito várias vezes nos dias em que estivemos reunidos: é uma falácia acreditar que todo falante adulto domina sua língua materna. A matéria com a qual trabalha o tradutor, língua de chegada, deve ser como a argila nas mãos do escultor. Ele deve ter a capacidade de manipular, manusear, manejar aquela língua a seu bel-prazer, ou melhor, ao prazer do original. A partir da matriz, que é o texto original, ele deve construir o seu texto na língua de chegada. Uma das coisas mais difíceis de se atingir, nos cursos de Tradução, é o domínio verdadeiro do português: facilidade de trabalhar com a língua, a correção gramatical acompanhada de fluidez, leveza e elegância de estilo, a adequação vocabular. Dominar o português não só nos seus recursos mais óbvios de sintaxe e léxico, mas na sua capacidade de expressividade, nas conotações, nuances, implicações, no subentendido. É claro que tudo isso se aplica também à língua de partida, isto é, ser capaz de decodificar subentendidos, insinuações, nuances.

Nós teríamos aqui que estabelecer uma diferença entre tradução literária e tradução não-literária, onde as exigências de domínio linguístico são ligeiramente diferentes. Na tradução não-literária, tudo o que mencionei é necessário, mas em outra medida, pois acho possível destacar, correndo o risco de ser simplista, os três pontos fundamentais que essa tradução pressupõe: o domínio da estrutura da língua, a precisão vocabular e o conhecimento terminológico. Acho que um falante nativo que tenha domínio gramatical, precisão vocabular e conhecimento terminológico, e que conheça a

língua em que está escrito o texto original, está capacitado a fazer uma tradução não-literária. Para fazer uma boa tradução literária, o tradutor com muita frequência precisa manter em seu texto uma rede de significados ou interpretações possíveis. Já na tradução não-literária a grande qualidade é a clareza absoluta, é a não ambiguidade, na medida em que uma língua pode deixar de ser ambígua. Daí a precisão vocabular ser muito importante.

Com relação ao terceiro ponto, já levantado nesta e em outras mesas, gostaria de fazer alguns comentários. O trabalho terminológico constitui uma grande deficiência no Brasil, no sentido em que a terminologia não está devidamente estudada e desenvolvida. Não temos aqui a profissão de terminólogo, imprescindível na Europa e no Canadá. O terminólogo é uma pessoa dedicada a trabalhar a terminologia de diferentes áreas científicas, a partir de sua literatura e de contatos com os profissionais. Ele chega a uma ideia precisa do significado de cada termo técnico ou científico e, respeitando a etimologia, respeitando as características, a morfologia da língua, ele cunha o termo apropriado. E é um trabalho científico, não um trabalho de improvisação, que leva à padronização, à normatização terminológica, fato básico para a feitura de dicionários, enciclopédias, e, futuramente, de bancos computadorizados de dados terminológicos. E no caso de textos literários, às três exigências básicas que acabo de mencionar acrescentam-se muitas outras em termos de domínio linguístico: as estruturas sintáticas variam muito mais, o léxico é infinitamente mais rico e cada item assume o significado que o contexto lhe impõe. O uso contextual assume importância primeira. No exercício da tradução toma-se evidente a verdade da frase de Wittgenstein: “O significado de uma palavra é o seu uso na linguagem”. Essa é uma das ideias que em um Curso de Tradução deve ser trabalhada com o aluno. Significado não é aquilo que o dicionário diz, é algo a ser procurado no dicionário mas em relação a um contexto, ao uso. Outra correção que deve ser feita é da concepção tradicional de língua, como estrutura estática, estabilizada em suas relações bem estabelecidas. Língua não é nada disso. Nós todos sabemos que língua é um tecido dinâmico de relações dinâmicas e fluidas, que estabelece o seu equilíbrio e comunica apesar disso. A procura dessa correspondência dinâmica é a tarefa do tradutor. Então, no texto literário, aquela correspondência biunívoca da tradução técnica cede lugar a uma confrontação de línguas muito mais intensa, escaramuças, armadilhas, mistério e descoberta, na procura da equivalência dinâmica como a chama Nida. Aqui as variedades estilísticas se multiplicam indefinidamente: cada autor é um

estilo que o tradutor deve perceber, sentir, internalizar e duplicar na língua da tradução. A tarefa do tradutor é fazer encontrarem-se os dois universos, representados cada um por seu código linguístico. Nesse encontro há uma tensão dialética, um movimento de vai e vem, conforme as exigências e recursos de cada língua. Na mente do tradutor tem lugar um jogo dinâmico à procura da solução ideal. Outra redundância em relação aos dias anteriores: o tradutor literário é em si mesmo um escritor; ele apenas usa a matriz do outro e vai construindo seu desenho que é uma imagem no espelho. Em termos didáticos, a única receita possível é a leitura dos bons escritores clássicos e a prática da redação, como complementação à prática da tradução. O bom tradutor é aquele que sabe escrever, que gosta de escrever.

O terceiro pilar do curso é constituído pelos conhecimentos extralinguísticos, isto é, disciplinas que concorram para ampliar a cultura geral ou os conhecimentos específicos das áreas do conhecimento. São conhecimentos não linguísticos, mas das diversas áreas do saber humano: sociologia, psicologia, filosofia, história, medicina, economia e uma infinidade de outros mais, e o recurso inevitável às enciclopédias, às obras de referência, sem o que o tradutor fica incapacitado para compreender o texto original.

A comparação e análise das diversas opções formais constitui um aspecto riquíssimo das aulas de tradução onde as frases em português são analisadas e avaliadas continuamente nos diversos aspectos linguísticos — sintático, semântico, lexical, pragmático — à procura da correspondência perfeita ou quase perfeita que constitui uma das características de uma boa tradução.